

## “Sachertrauma”

O tato é a imaginação do que os outros podem sentir.  
O fato de ele nascer da imaginação explica porque  
é tão raro.

CHARLES DANTZIG

**A** foto de uma verdadeira torta Sacher da qual alguém se vangloriou no Facebook trouxe à tona uma lembrança dolorosa que consegui recalcar durante 29 anos.

Tudo começou quando viajei à Viena, enviada pela Bienal de São Paulo, para olhar a cena artística e discutir com o comissário austríaco a representação daquele país. Como uma amiga quis ir comigo e dividir as despesas de hotel, pudemos multiplicar as estrelas por dois e escolher o Sacher Hotel. Eu, menos pelo luxo do que pela torta do mesmo nome que era servida no salão de chá; e a minha amiga mais pelo luxo do que pelo resto.

Eu sonhava com aquela torta muito antes de sonhar com o posto de curadora. Assim, ao chegar em Viena, estabeleci as minhas prioridades nesta ordem:

1. Sachertorte
2. Sachertorte
3. Sachertorte
4. Arte e trabalho
5. Passeio
6. Ópera

Na noite de minha chegada, mal consegui dormir antevendo o momento em que estaria no aconchegante salão de chá branco e dourado, diante da fatia daquele bolo redondo, constituído de duas partes de pão de ló levíssimo de chocolate, com uma fina camada de geleia de damasco no meio, tudo isso envolvido por uma cobertura de chocolate amargo em cima, embaixo e dos lados...

Antes de marcar com o comissário, diretores de museu, artistas – e até mesmo de pensar em ir ver Egon Schiele e mais Egon Schiele – desfiz as malas esperando o momento de descer à grande sala.

“Você quer mesmo ir comer essa torta?”, perguntou a minha amiga. “Nem bem acabamos de chegar..”

“E você ainda pergunta? Eu quero comer essa torta ONTEM!!!”

“OK, depois não falamos mais nisso, está bem?”

“Não garanto nada...”

Descemos ao salão de chá. Quando as duas fatias chegaram – trazidas pelo garçom em alvos pratinhos de porcelana branca bordada de ouro sobre uma bandeja de prata – tive a mesma sensação de quando vi pessoalmente em Florença, pela primeira vez, o *Davi* de Michelangelo:

“Oh! Que bela compleição!”

Esperei um pouco, antes de atacar a maravilha, para poder degustá-la igualmente com o olfato e os olhos, mas a minha amiga foi mais rápida. De um gesto, cortou a ponta do triângulo com o garfo, levou-o à boca e... fez uma careta.

“O que?”, perguntei.

“Bah!”

“Bah, o que?”

“Geleia com chocolate não combina! Detesto geleia com chocolate!!! Bah!”

Se olhar de raiva matasse, a minha amiga estraga-prazeres teria caído fulminada. Ao contrário, pousou o garfo e afastou o pratinho para longe, deixando três quartos da torta para os garçons os jogarem aos cachorros pinscher vienenses. Enquanto ela folheava o prospecto turístico que tinha apanhado na recepção, eu comi a minha Sachertorte em silêncio, me perguntando porque eu sempre escolhia as pessoas erradas para os lugares certos e vice-versa. E recalquei para sempre – ou melhor, até hoje – a dor daquele momento.